

Acreditar é preciso

Mário Amato *

Asociedade brasileira tem, ao longo da história, demonstrado um otimismo digno de nota. A cada plano econômico, a cada eleição, a cada troca de ministros da área econômica, a população se enche de esperança e passa a acreditar ainda mais no país. Os dados estatísticos mostram que o Brasil andou para trás na última década, mas as pesquisas de opinião encontram o cidadão comum ainda razoavelmente crente em relação ao futuro.

Preservar o otimismo é fundamental. Todo homem suporta dificuldades, mas é impossível viver sem esperança. Vivemos, hoje, uma perigosa e injustificável depressão coletiva. Injustificável porque, comparada com nossa potencialidade e capacidade de superar crises, os nossos problemas são pequenos demais.

Não se tem notícias de algum país que se desenvolveu e venceu as dificuldades com negativismo e falta de iniciativa. Se, frente às adversidades, as nações se acomodassem e ficassem resignadas, as potências não seriam potências. Estão aí os exemplos do Japão e da Alemanha totalmente arrasados durante a 2ª Guerra Mundial. Afinal, se todos acham que não há saída, que a situação só pode piorar ou que o país não tem jeito, é muito provável que não tenha mesmo.

É desagradável, além de cansativo, ficar declamando, feito ginásial, que temos um território imenso, abundantes recursos naturais, homogeneidade étnica, uma estrutura industrial complexa e razoavelmente sofisticada do ponto de vista tecnológico etc. etc. Nossa dívida externa, em relação ao PIB, é a menor da América Latina; e o déficit público não é tão grande assim (o problema é que o governo não tem credibilidade para financiá-lo). Quer dizer: estamos longe, mas longe mesmo, da anarquia e do caos que alguns apregoam.

A elite do país, que tem acesso aos meios de comunicação e ajuda a formar a opinião pública, deve estar consciente de que a tarefa de reversão das expectativas negativas é sua. Felizmente, sinto que o pequeno e o microempresário, principalmente do interior do Estado de São Paulo, está menos desanimado do que aqueles que, por terem mais informações, deveriam saber que a desilusão que eles próprios passam pela mídia é desproporcional à dimensão de nossos problemas.

Isso não quer dizer que não se deva fazer críticas procedentes e reivindicações justas ao governo. Não se trata, em absoluto, de pregar-se o conformismo ou a adesão sistemática a todos os atos que nos são impostos, mas sim de escolher um caminho — e mobilizar a sociedade para que ele seja trilhado. Durante anos e anos, o Estado brasileiro liderou um dos processos de desenvolvimento mais acelerados da história ocidental. Agora, sua trajetória como gerador de investimentos terminou. Mas, ao mesmo tempo, aumentou, e muito, sua aparentemente inesgotável capacidade de sugar recursos da sociedade. Em outras palavras, vivemos uma situação inusitada: a parte sadia e dinâmica da economia — a iniciativa privada — alimentando a megalomania perdulária da parte ruim e ineficiente — o Estado.

Podemos mudar isso e entrar numa era mais arejada, mais produtiva. O Brasil é muito mais atrativo, sob os mais diversos pontos de vista, do que alguns países da América Latina que conseguiram, num curto espaço de tempo, reestruturar suas economias, atrair novos investimentos e voltar a crescer. Mas não foi com pessimismo e inação que o Chile e o México, por exemplo, foram capazes de dar essa reviravolta: foi através da união da sociedade em torno de alguns pontos comuns que tornaram as economias desses países mais abertas e sedutoras para o capital estrangeiro.

Aqueles que têm a responsabilidade de formar a opinião pública deste país devem parar de se comportar como um adolescente deprimido que enfrenta sua primeira desilusão amorosa. Até mesmo porque a nossa capacidade de superar crises, políticas e econômicas, é a maior prova de que a descrença em relação ao futuro do Brasil não tem razão de ser.

Se pararmos de cultuar a depressão, temos todas as chances de chegar lá.

* Presidente da Fiesp/Ciesp